

Lesley Chamberlain. *Nietzsche em Turim: o fim do futuro.* Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2000. 283 páginas.

Sandra F. Erickson¹

Pretendendo ser um estudo biográfico que vai, a partir do estudo da correspondência do biografado, “decodificar” (36) Nietzsche, a autora que se identifica como uma “amiga tardia” do filósofo limita seu estudo ao ano de 1889, o qual antecedeu a demência mental que vitimou o pensador alemão. Ela utiliza três subgêneros literários: a biografia, a literatura de viagem e a literatura epistolar na tentativa de, no final das contas, produzir uma hagiografia. Antes de qualquer coisa, e para que o leitor possa melhor avaliar o que aqui foi dito sobre esse livro, convém confessar meu desapeço pela utilização da biografia, especialmente da correspondência pessoal, como subsídio primário para se entender textos literários, particularmente textos filosóficos, especialmente de um pensador profundo, complexo e genial como Nietzsche.

O caso se complica ainda mais pelo fato de que Chamberlain, embora bem lida e informada sobre seu biografado, não possui a qualificação necessária para entender e, menos ainda, explicar o pensamento de Nietzsche. Ela é uma jornalista inglesa, sem treino ou “alcance” filosófico, embora ela seja bem entendida sobre história e crítica da arte. Isso explica porque seu estudo se reduz a uma espécie de biografia psicológica mais preocupada com os aspectos artísticos da obra de Nietzsche do que com o pensamento e a filosofia propriamente dita, bem como sua fixação com *Assim falou Zaratustra*, cuja força e apelo poético ela, aliás, sobre-estima. Assim, as passagens mais interessantes (ainda que de maiores

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras.

devaneios) são àquelas devotadas aos comentários sobre Nietzsche e Wagner. Na bibliografia “clássica” do livro falta um importante estudo sobre Nietzsche produzido, inclusive, por um brilhante jornalista norte-americano, H. L. Mencken,² esse sim, um estudo cuja leitura é essencial para qualquer um que se interesse por Nietzsche, estudioso ou não. Embora não mencionado esse estudo evidentemente esclareceu a autora sobre muitos dos pontos controvertidos do pensamento de Nietzsche por onde ela se aventura, por exemplo, sua crítica ao modelo democrático como rejeição do domínio e do poder das massas mal informadas, seu anticristianismo como restrito ao cristianismo institucionalizado, seus comentários sobre etnia e raça, bem como seu *Übermensch* nada tendo de anti-semitismo.

Outra complicação é o fato de que, obviamente, a autora está respondendo ao popular *Quando Nietzsche chorou*,³ escrito por um professor de psiquiatria da Universidade de Stanford interessado no Nietzsche de 1882. Isso talvez explique o fato de que Nietzsche chora tanto durante a narrativa de *Nietzsche em Turim* (156, 235, 242, 243, entre outras passagens). “Eu sou uma coisa, meus escritos são outra”, Nietzsche adverte em *Ecce Homo*. Ironicamente, essa citação aparece no início do capítulo 9 do livro (que possui um total de onze capítulos e um Prefácio). Porém a autora, que inclusive lê alemão muito bem, não se deixa intimidar e segue adiante confundindo, até fundindo Nietzsche com Zaratustra e com Dioniso-Zagreu.

Vamos ao texto:

Se fosse literatura de viagem, o livro cumpriria seu papel, pois as andanças do autor-narrador pela cidade de Turim são apresentadas de modo vívido, interessante e competente. Vemos, através dos olhos do narrador, os quartos onde Nietzsche se hospedou, o que ele comia, as praças por onde ele andou e o teatro onde ele, pela primeira vez, ouviu a *Carmem*, de Bizet. Isso não é de espantar, já que o autor-narrador é,

² *The Philosophy of Friedrich Nietzsche*; Costa Mesa, California: Noontide, 1908.

³ *Quando Nietzsche chorou: romance da obsessão*. Trad. Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

conforme já assinalado, jornalista. Mas o livro se propõe como uma biografia que vai revelar dados novos sobre o biografado através do estudo de sua correspondência e de sua experiência em Turim em 1889. Ainda mais, essa revelação seria de tal forma a colocar o biografado no seu devido lugar na história, pois, pouco lido e, menos ainda entendido, ele seria um injustiçado da história. A narrativa é anacrônica, pois o ponto de vista autorial dá a idéia de que Nietzsche acaba de morrer (como se Heidegger não tivesse existido e não tivesse escrito o que escreveu sobre ele). Isso torna difícil tratar a narrativa como história (biografia). A abordagem ao biografado é muito mais fictícia e a autora, na verdade, escreve um romance histórico, tendo como personagem principal um Nietzsche imaginado.

Como romance ele tem seus méritos, pois consegue desafiar a imaginação do leitor conhecedor da vida e do pensamento de Nietzsche de uma forma radical. Vejamos alguns exemplos: 1) a intensidade do relacionamento de Nietzsche com Wagner é colocada em termos de um *agon* de Nietzsche que, como o narrador claramente coloca, não passou de um músico e um artista fracassado (220), cuja inveja criativa de Wagner foi tão intensa que determinou tudo que Nietzsche fez, pensou, sofreu e escreveu (ver 79, 123, 132, 219); 2) Nietzsche aparece sempre como um pobre coitado; essa pobreza material teria sido responsável por certas banalidades de seu caráter, inclusive uma “necessidade de adulação” (18, 26, 51, 118, 128, 166, 169); Nietzsche não era “chic” porque era pobre (45) e teria inclusive passado fome (38)! 3) embora ele tenha ficado órfão aos cinco anos, a tirania e religiosidade de seu pai o influenciou profundamente (149); 4) a obra de Nietzsche é um escapismo emocional (137, 163), seu imaginário é autobiográfico (210, 234) e pensar para ele constituía uma atividade secundária (237); 5) ela denomina o estilo aforístico de Nietzsche de “fragmentário” e de “instantâneos mentais” (19) decorrente de sua miopia e sua impossibilidade de se concentrar por muito tempo por causa de suas constantes enxaquecas. A insanidade de Nietzsche foi desencadeada por três desastres emocionais ocorridos entre 1882-83, a saber, a morte de Wagner, o noivado da irmã Elizabeth e o fracasso de

seu romance com Lou Salomé (27). Para esse Nietzsche de Chamberlain, Schopenhauer não passou de uma pequena chuva. Tudo isso vem acompanhado de momentos de paixão e êxtase do narrador que pretende “ficar ao lado de Nietzsche” (15, 22, 119)—quem sabe, como Lou Salomé não ficou. Entre esses momentos, está uma interessante analogia entre o Fausto de Goethe e Zaratustra (119), alguns comentários sobre o papel de Zagreu no imaginário de Nietzsche (207-214) e a observação do papel do visual na obra de Nietzsche, que, como se sabe, sofria de uma miopia extrema (118).

Todo esse universo de informações não vem substanciado pela correspondência de Nietzsche, como a autora, que não vê o livro como ficção, promete, ou por nenhuma outra fonte, como é de se esperar numa biografia. Há muitas referências às cartas e muitas notas no final do livro, mas, infelizmente, esse material é parafraseado e o leitor não encontra nas notas o texto integral das citações, mas apenas alguns fragmentos que nos deixa a ver navios, substanciando ainda mais a hipótese de que o livro é algum tipo de experimento modernista com gêneros literários. O leitor interessado na correspondência de Nietzsche se sente, assim, traído.

Há uma contradição grande na narrativa, uma vez que a tentativa de apresentar Nietzsche como seu próprio *Übermensch* (e assim, transformando a narrativa numa espécie de hagiografia), é constantemente sabotada pelos apelos do narrador aos aspectos de um Nietzsche “demasiado humano” que não corresponde ao Nietzsche histórico: ele, segundo muitos de seus biógrafos não foi tão pobre nem tão banal. Embora consciente de sua genialidade, não foi tão arrogante nem carente da admiração do *hoi polloi*. Ele certamente não se arrependeu de não ter se casado e constituído uma família—e isso não faz dele o misogenista que ela proclama. Ele pode não ter sido um gentil cavalheiro, mas também não foi um “fanático perverso” (50). Se ele se vestia mal era porque ele simplesmente não tinha tempo a perder com tais preocupações tão demasiadamente pequeno-burguesas. Acima de tudo, ele não passou despercebido na história e não precisa de amigos tardios.

Já em 1908 Mencken, que inclusive prefaciou várias das traduções inglesas da obra de Nietzsche, ressaltou o impacto que seu pensamento teve em tudo que foi escrito antes e depois dele. A revolução cultural, ética e estética que ele representou. Em 1908, Mencken afirmou, “ele reina como rei nas universidades alemãs [...] e seu eco reverbera em maior ou menor grau, de Chicago à Mesopotâmia” (Introduction). Mencken observa também que o estilo de Nietzsche foi o resultado de sérios estudos de pensadores franceses, entre os quais Montaigne, Larocheffoucauld e Fontenelle (38). Talvez porque seja homem, ele não considera o celibatarismo de Nietzsche como uma anomalia sexual e vê como absurda a idéia de um Nietzsche casado, ouvindo reclamações de uma esposa e educando filhos (58). Yalom também vê o celibatarismo como uma opção puramente realista de Nietzsche, uma vez que ele próprio reconhecia que nenhuma mulher da época, inclusive Lou Salomé, poderia ser sua “outra metade”. Chamberlain, talvez por ser mulher, mesmo querendo “ficar ao lado” dele, interpreta sua solidão sexual como misoginia (169-70) e se refere à sua “confusa masculinidade” (51). Talvez a idéia de que o mergulho pelas profundezas intelectuais possa absorver a mente e o corpo de forma tal que dispense algumas funções biológicas seja mais difícil de ser entendida por mulheres do que por homens. Talvez Nietzsche, também nisso, tenha sido mais sábio do que muitos de seus críticos.

Quanto à razão da insanidade de Nietzsche, Walter Kaufmann, um dos mais apreciados de seus comentadores (constante na bibliografia de Chamberlain), sugere que ela foi um efeito secundário de uma sífilis contraída por Nietzsche em sua juventude. Chamberlain também alude a essa condição, mas sem relacioná-la à saúde mental de Nietzsche (28). Ela menciona ainda, *en passant*, a hipótese (rejeitada por Mencken) originária de Max Nordau (não constante em sua bibliografia) de que a loucura poderia ter sido um mal hereditário, mas durante sua narrativa ela privilegia sua própria hipótese de que, emocionalmente fraco, Nietzsche sucumbiu aos três episódios catastróficos já mencionados acima.

O livro de Chamberlain deve ser lido? O leitor interessado no Nietzsche histórico e em sua filosofia ficará, certamente grandemente decepcionado e se interessará mais por *Quando Nietzsche chorou*, pois embora esse livro se apresente como aquilo que é, pura ficção, ao apresentar Nietzsche no papel do “psicanalista” de Josef Breuer, professor e patrono de Freud, Yalom oferece um experimento interessante: ele mostra (mesmo com faltas teóricas e deselegâncias narrativas de desanimar perseverantes filósofos e críticos literários) como alguns dos aforismos considerados mais duros e “desumanos” de Nietzsche servem para uma reflexão profunda e uma mudança radical de um ser humano desesperado, mas inteligente. Seu personagem Nietzsche corresponde bem mais ao Nietzsche histórico e lhe faz justiça. Fica-se sabendo quão horrivelmente dolorosos foram os ataques de enxaquecas que ele sofreu e o admiramos mais por isso. Somos convencidos de sua extrema vontade de potência e de seu apreço pela solidão e o invejamos por isso. Aprendemos o quanto ele estimava a liberdade e quão disposto ele foi de sacrificar-lhe tudo e compreendemos sua “opção não-sexual”. Enquanto a consequência da narrativa de Chamberlain é a de que Nietzsche precisava de um psiquiatra, a de Yalom é a de que são os psiquiatras que, para encarar a falta de sentido da vida, precisam de Nietzsche. Ele valoriza o pensador sobre o artista, a saúde e a força mental de Nietzsche sobre seu corpo doente. Nietzsche nunca deixa de ser o pensador genial que foi, mesmo quando forte, demasiado, forte ele, de tanta humanidade, chorou.

Mas, se, cansado de tanto navegar pelas águas fundas do pensamento de Nietzsche, de subir montanhas como Zaratustra e das tantas mesmices que rolam por aí, o leitor não pode por si mesmo imaginar como foi o último ano de sanidade de Nietzsche, talvez se interesse em passear por essas páginas, que, se corretamente identificadas como escrita ficcional, talvez possa com elas ocupar algumas horas.